5. Conclusão

Ao fim deste trabalho, parece-nos que uma linha principal o estrutura: o problema de como lidar com uma herança recebida. A relação entre Sophia e Adília é também uma relação que ambas estabelecem com a tradição moderna: seguindo-a em muitos pontos, e dela se afastando numa questão em particular.

A modernidade fala de uma perda da plenitude e a obra de Sophia é a busca apaixonada dessa plenitude: “A paixão nua e cega dos estios/ Atravessou a minha vida como rios”²³¹. O seu esforço será restituir a inteireza, reconquistar a “imanência sem mácula”, “reun[ir] os destroços as ruínas os pedaços”. Ao fazer isso, Sophia recupera a busca romântica da unidade. Mas não deixa de combiná-la com certos princípios modernos como impessoalidade, construção, visualidade. Embora seja também ela um poeta moderno, Sophia vive um enfrentamento com a poesia moderna, o que se condensa na sua relação com Fernando Pessoa.

Adília, escrevendo num momento posterior à consagração do modernismo, pode romper com certos protocolos de escrita típicos desse movimento: é o que faz ao promover contratos de projeção autobiográfica; reabilitar a sentimentalidade; recontar histórias exemplares, e ainda resgatar valores cristãos como bondade e caridade. No entanto, hoje, a poesia de Adília parece-nos mais intimamente vinculada aos grandes modernistas do que à primeira vista se mostra. A sua liberdade para com a lição moderna se dá por ser ela tão certa que se pode reatualizá-la em outras formas, outras dicções. Por isso, a sua obra não teme o biografema, o piegas, o ridículo. Sua tarefa é sempre reescrever, refazer perguntas, nunca dar o trabalho por encerrado: “Para que servem poetas/ em tempos de penúria?// Para que servem poetas?// Para que servem/ tempos de penúria?”²³² E mesmo quando o trabalho se conclui, a fratura fica exposta, “como o prato Zen/ que tem as fracturas sublinhadas/ com ouro”²³³.

Para ambas, a poesia é uma possibilidade de construção e de reparação. Assim, as duas afirmam a existência de uma função para a arte, recusam que a

²³¹ ANDRESEN, S. M. B. “A paixão nua”. In: ———. *O nome das coisas*. Edição definitiva. Edição de Maria Andresen de Sousa Tavares e Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2004, p. 52. Col. Obra poética.

²³² LOPES, A. *César a César*. Lisboa: & etc., 2003, p. 90.

²³³ LOPES, A. “Reconciliada com as memórias”. In: ———. *Obra*. Lisboa: Mariposa Azul, 2000, p. 213.

busca da beleza se esgote em si mesma, indo de encontro aos princípios de uma “arte pela arte”. Sophia e Adília fazem da poesia um ato de fé.

Sophia fala de uma escultura que “ensina um projecto moral”, Adília afirma que “a arte é feita para construir a paz”. Para Sophia, a beleza torna-se uma exigência moral, a perfeição do universo convoca a uma vida perfeita, a perfeição do poema “propõe-nos uma imagem exigente de nós mesmos”. Para Adília, a busca da beleza é motivo de oscilação. “Haverá uma beleza que nos salve?” é uma pergunta refeita no último livro. “Não, não há uma beleza que nos salve. Só a bondade nos salva.”²³⁴, responde.

Na entrevista incluída ao final deste trabalho, Adília responde sobre as influências de Ruy Belo, Sylvia Plath e Sophia: “O facto de serem cristãos é capital. O facto de serem contemporâneos também. A oralidade é determinante.” Não podemos deixar passar despercebido “o facto de serem cristãos”. Há qualquer coisa nessas influências que excede o domínio específico da literatura.

Por outro lado, Adília insiste em afirmar que a lição de Sophia é para ela sobretudo formal. Na mesma entrevista, declara: “Sophia é a minha mestra, o meu modelo de bem escrever português.” Logo depois de chamá-la mestra, uma restrição: modelo de bem escrever português. Poderíamos acrescentar: não de bem pensar.

No fim do mês de janeiro de 2006, quando este trabalho se aproximava do fim, chega-nos de Adília uma carta de que vale a pena transcrever um trecho.

Lisboa, 21 de Dezembro de 2006

Cara Sofia,

Recebi o seu pacote em tempo de Natal. Não há melhor prenda de Natal! Que maravilha os recortes da Sophia! Ela faz-me muita falta. Imaginava-a sempre nas Mónicas, onde ela morava — rua ou travessa das Mónicas — e fazia bem sabê-la lá, num sítio de Lisboa, a cismar. Há tanto tempo que não via essa palavra *cismar*. A Sophia diz que cismava muito. Como é bom cismar! A escrever assim estou pirosa.

O livro da Sophia de que mais gosto, neste momento, é *Ilhas*. A fase de que mais gosto é a última. Os três últimos livros, a peça *O colar*. É mais enxuta, solar, leve. Até ao *Livro sexto*, acho tudo muito sombrio. O texto dela que prefiro talvez seja o conto “A viagem”. Há coisas nela de que não gosto e antipatizava com ela como pessoa. Isto é, achava-a altiva, aristocrática e vaidosa, superior. Mas é do português dela que mais gosto. “Poesia e realidade” é de uma inteligência brilhante!

²³⁴ LOPES, A. *Le vitrail la nuit * a árvore cortada*. Lisboa: & etc., 2006, p. 81.

Escrevo-lhe com os meus gatos a saltarem para cima da carta. Acho que vão pêlos deles com a carta.

[...]

Apesar de ser um documento pessoal, pensamos ser esta carta valiosa para pensar na relação entre as duas autoras. O pacote a que Adília faz referência é um conjunto de fotocópias de entrevistas e ensaios de Sophia publicados em jornais, revistas ou livros. Assim, há na resposta, primeiramente, a reação de alguém que ganha um presente e ela fala de Sophia como alguém que lhe faz falta. Mas adiante vê-se que essa relação afetuosa com a mestra separa muito bem a pessoa da obra. Algo na personalidade de Sophia lhe desagrada. E, diríamos, também na obra. Uma certa superioridade. A lição que Adília reconhece seria sobretudo lingüística, formal, não conteudística, moral.

Pois no plano ético-moral, há uma divergência entre as duas autoras. Adília afasta-se de alguns dos ideais de Sophia que podem estar relacionados com essa “superioridade”: a beleza associada à perfeição, à completude. E se dedica a denunciar isso na obra da autora de *Dual*. Ao longo do trabalho, passamos diversas vezes por esse ponto. Ele está presente nas descrições que cada uma delas faz do ato de escrever — na “Arte poética IV” e na crônica do jornal *Público* —, na diferença entre construir uma grande casa branca e varrer o pó, e na “Meditação sobre meditação”. Também no que diz respeito ao amor, encontramos nas páginas de *Sete rios entre campos* os seguintes versos:

Gosto de gostar de si
num sítio assim²³⁵

Uma resposta ponto por ponto ao “Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo”²³⁶. O poema de Sophia falava do amor em oposição a imperfeição, quebra, emudecimento, fragilidade, mentira, separação, o de Adília quer incluir o amor nessa orquestra desafinada.

²³⁵ LOPES, A. “O mundo é uma casa de passe”. In: ———. *Obra*. Lisboa: Mariposa Azul, 2000, p. 365.

²³⁶ ANDRESEN, S. M. B. *Coral*. Edição definitiva. Edição de Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2003, p. 30. Col. *Obra poética*.

Seguindo talvez uma lição dos românticos, Adília vai resgatar o pequeno, o frágil, o defeituoso, o que não teve lugar na sociedade dos bons e belos. Os seus personagens podem fazer parte da galeria de Quasímodo, do patinho feio ou de outras criações oitocentistas.

Embora a obra de Adília recrie o cristianismo, abrindo espaço, por exemplo, para o prazer individual e a paixão pela vida terrena, não previstos pelo verdadeiro cristianismo — trabalho, aliás, começado por Sophia —, ela toca valores cristãos que não podemos deixar de ver como ideais. Ao tirar de cena a beleza como possibilidade de salvação, Adília não deixa vazio o lugar do ideal. Preenche-o com a bondade.

Ao longo do trabalho, nossas idéias sobre Sophia e Adília foram mudando. De início, apostávamos fortemente nas semelhanças entre as duas. Ao fim da jornada, as diferenças nos saltam aos olhos. Acreditávamos também que a obra de Sophia representava uma superação possível do abismo entre a arte e a ética criado pela modernidade (e nisso era seguida por Adília). Hoje, não duvidamos da existência de uma relação entre a arte e a ética, mas parece-nos que alguma coisa se perde quando se adotam as soluções adotadas por elas. A tentativa de fazer do ético e do estético “as duas faces de uma mesma moeda” é uma inquietação da poesia das duas autoras, um problema que não se resolve. Em muitos momentos há recuos, concessões, sacrifício de uma dimensão mais libertadora da obra de arte. De certo modo, esta tese é de algum modo a história de um fracasso. O fracasso da tentativa de superar um abismo. Mas ela é também e sobretudo a história de uma herança.